

# Sabedoria Marginal: a cidade na ótica ancestral-periférica através do caso Ilê Asé Odé

João Pedro Manccini Fernandes

O projeto nasce de um rompimento. Em dezembro de 2022, o Ilê Asé Odé Ibulalomo — um território tradicional de matriz africana — foi demolido para expansão de uma avenida sobre o Córrego do Cadaval, na Favela do Capriotti, em Carapicuíba. A obra, conduzida pelo poder público, repete a fórmula de danos socioambientais: prioriza o asfalto, apaga o rio e desconsidera a comunidade e seu direito à permanência. Diante desse cenário, propõe-se outra possibilidade de cidade, evidenciando alternativas viáveis. Ao desviar a avenida do curso do rio, ganha-se um parque linear que recupera a presença da água e da mata; no vazio deixado pela remoção, nasce um memorial vivo que marca a história do Ilê; e, no centro do percurso, um equipamento público dedicado aos saberes dos Povos Tradicionais de Matriz Africana (POTMA). A proposta parte de uma investigação crítica ancorada em vivência territorial e pesquisa-ação, articulando a cosmopercepção ancestral dos POTMA a um olhar para a cidade desde potências e subjetividades periféricas como chaves projetuais. O projeto se coloca como ferramenta técnica de apoio à luta local e como contribuição à construção de repertórios contra-hegemônicos no campo do urbanismo.

Palavras-chave: periferia; matriz africana; urbanização.

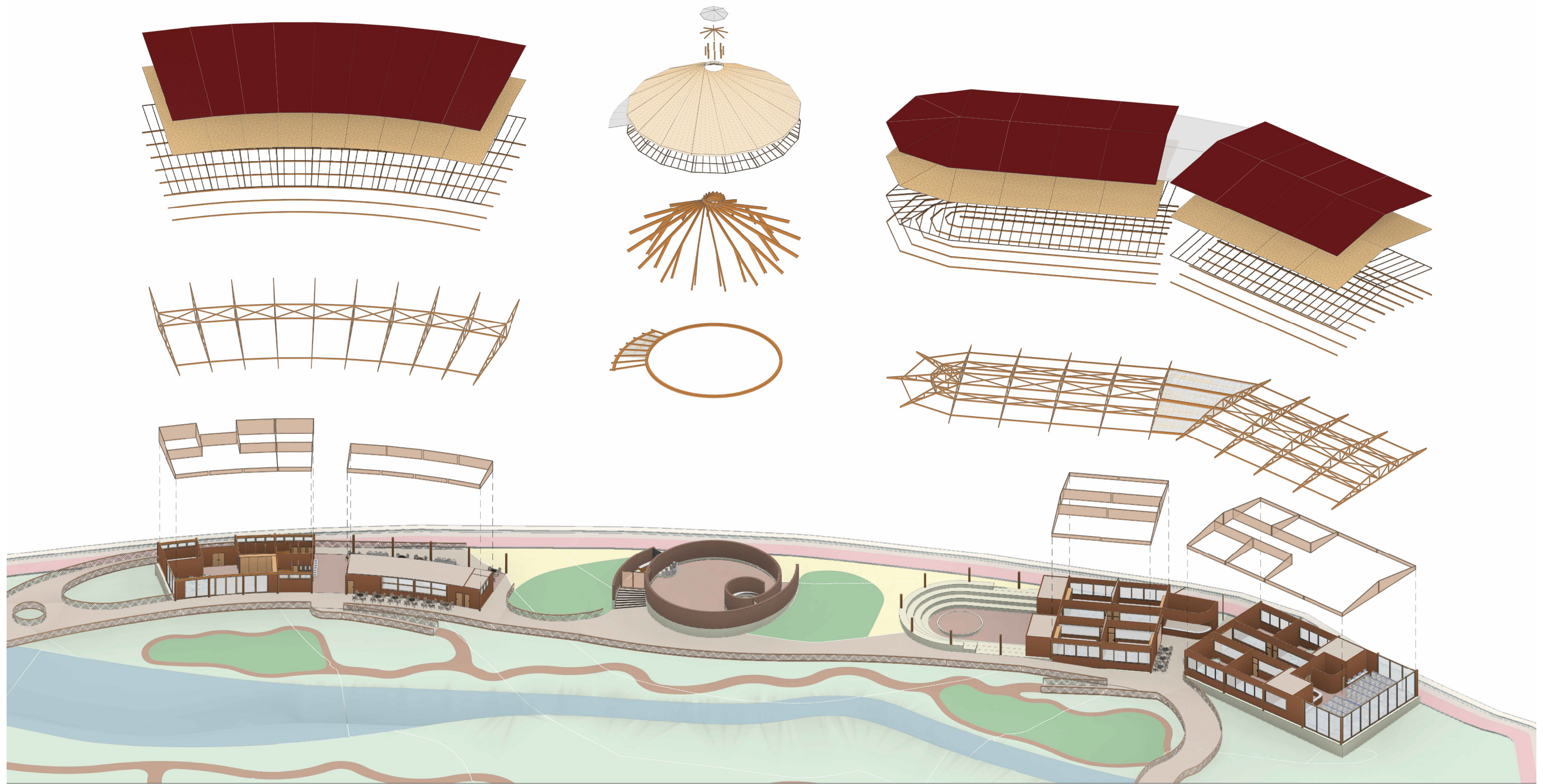
El proyecto nace de una ruptura. En diciembre de 2022, el Ilê Asé Odé Ibulalomo — un territorio tradicional de matriz africana — fue demolido para ampliar una avenida sobre el arroyo Cadaval, en la favela de Capriotti, en Carapicuíba, en la periferia de la metrópolis de São Paulo. La obra, promovida por el poder público, repite la fórmula de los daños socioambientales: prioriza el asfalto, borra el río y desconsidera a la comunidad y su derecho a permanecer. Ante este escenario, el proyecto propone otra posibilidad de ciudad, poniendo en evidencia alternativas viables. Al desviar el trazado de la avenida del cauce del río, se crea un parque lineal que recupera la presencia del agua y del bosque; en el vacío dejado por el desalojo, nace un memorial vivo que honra la historia del Ilê; y en el centro del recorrido, un equipamiento público dedicado a los saberes de los Pueblos Tradicionales de Matriz Africana — el CERPOTMA. La propuesta surge de una investigación crítica anclada en la vivencia territorial y en la investigación-acción, articulando la cosmopercepción ancestral de estos pueblos tradicionales y una mirada sobre la ciudad desde las potencias y subjetividades periféricas como claves proyectuales. El proyecto se posiciona como una herramienta técnica de apoyo a la lucha local y como una contribución a la construcción de repertorios contrahegemónicos en el campo del urbanismo.

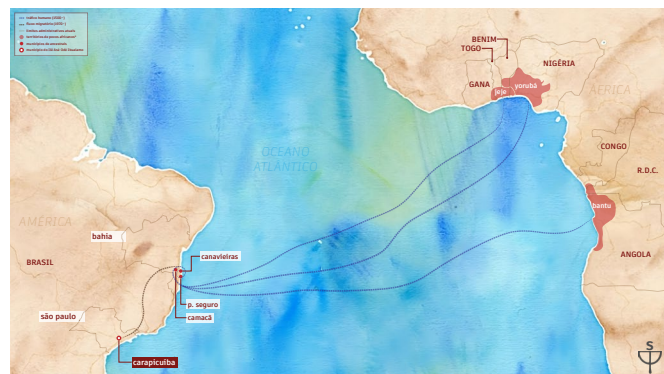
Palabras clave: periferia; terreiro; urbanización.

The project begins with a rupture. In December 2022, Ilê Asé Odé Ibulalomo — a traditional Afro-Brazilian territory — was demolished to make way for the expansion of an avenue over the Cadaval stream, in Favela do Capriotti in Carapicuíba, on the outskirts of São Paulo. The intervention, led by public authorities, repeats a familiar pattern of socio-environmental damage: it prioritizes asphalt, erases the river, and disregards the community and its right to remain. In response, the project proposes a different possibility for the city, demonstrating that viable alternatives exist. By diverting the avenue away from the stream, a linear park emerges, restoring the presence of water and native vegetation. In the void left by the demolition, a living memorial is born to honor the history of the Ilê. At the center of the path, a public facility dedicated to the knowledge of Afro-Brazilian Traditional Peoples — the CERPOTMA — is created. The proposal stems from a critical investigation anchored in territorial experience and action-research, articulating the ancestral cosmoperception of these traditional peoples and a view of the city shaped by peripheral powers and subjectivities as central design principles. This project aims to be a technical tool in support of the local struggle and to contribute for the construction of counter-hegemonic frameworks in the field of urbanism.

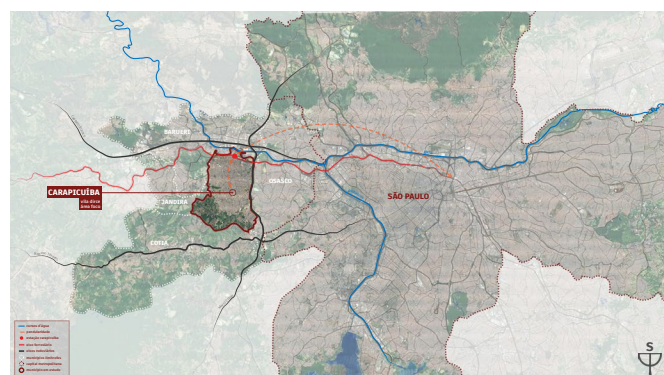
Keywords: periphery; afro-brazilian; urbanization.



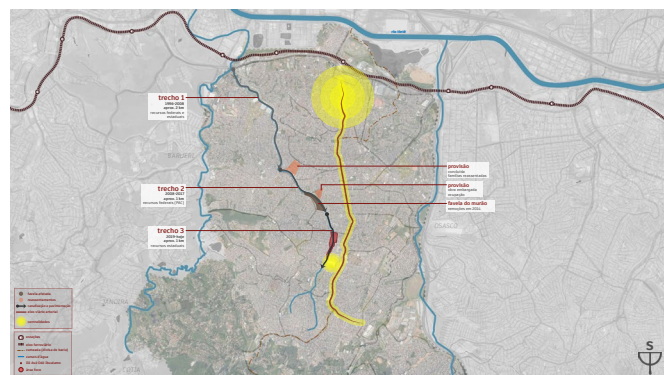




ATLÂNTICO



METRÓPOLE



OBRAS



CONTEXTO

Escovar a História a contrapelo é voltar ao passado para recuperar as lutas populares e seus personagens – aniquilados pelo peso do horror dominante – e redimensioná-las como *centelhas de esperança* [...]. A percepção de Benjamin sobre a necessidade de disputar o passado para acender a chama do presente e pavimentar futuros cruza com um dos orixás mais famosos de Exu – o orixá do movimento, do poder do corpo, da alegria e das grandes transformações: Exu acerta a pedra que lança hoje no pássaro que já voou. [...] O pássaro do passado só pode ser alcançado com a pedra que lançamos hoje; seu voo é incessante. Exu não vai ao ontem porque sabe que (nas espirais do tempo) é no presente que a pedra é lançada em busca do pássaro que, em seu voo incerto, pousará no futuro. (Simas, 2020)

Abrimos os caminhos com uma reflexão sobre a memória nas cidades: quais histórias são contadas e quais são apagadas? Os diversos contextos marginalizados da metrópole paulistana são carregados de memórias das mais diversas. Resgatar e recontar essas histórias é uma das fontes de afeto para o projeto: observar o passado das cidades, seu "palimpsesto", com o devido cuidado de "escovar a história a contrapelo", para revelar outras narrativas ocultadas pela história urbana canônica. Assim, podemos lançar "novos" olhares, enriquecendo o debate e as ferramentas de superação dos modelos de cidade dominantes, que culminaram no caos urbano, ambiental e climático da atualidade.

Com essa premissa é que chegamos ao caso do Ilê Asé Odé Ibulamo: comunidade tradicional de matriz africana (ancestral), localizada nas bordas da metrópole paulistana, na Favela do Capriotti, em Carapicuíba (marginal), com sua existência ameaçada por ações baseadas em modelos de cidade rodoviaristas, higienistas e racistas – repetindo padrões históricos da formação da metrópole. A violência contra a comunidade do Ilê se intensificou em dezembro de 2022, quando ele foi demolido durante uma obra urbana para canalização e pavimentação de uma avenida sobre o leito do Córrego do Cadaval, corpo d'água que corta a cidade de Carapicuíba. A pesquisa identifica como essa obra praticou remoções irresponsáveis, sem a adequada realocação das famílias, desconsiderou a consulta prévia às comunidades tradicionais impactadas, prevista em lei, e atuou num para-

**habitação**

Aproximando as condições de habitabilidade e o cuidado socioambiental, serão removidas as ocupações nas margens do Córrego. De maneira a preservar laços de territorialidade e rede vizinhança haverá o reassentamento total da comunidade no mesmo território. Para tanto, são previstas três provisões habitacionais: sendo duas (1 e 2) em áreas já ocupadas e outra (3) num terreno subutilizado, somando 100 lotes conjuntos, com **terreo + 3 pavimentos** devem ser uso misto no terreo, suplantando realocações de pontos comerciais desapropriados no vale.

**ambiental**

Para restaurar a paisagem paisagística e ambiental, o vale é recuperado com o **Parque Linear do Cadaval**. Nele, é prevista uma recuperação da **mata ciliar** como APP do Córrego existente, mantendo-o a céu aberto e reconpondo seu leito. Para **manejo das águas**, são previstas **áreas alagáveis** de acomodação das cheias e técnicas compensatórias de drenagem ao longo do parque. Promovendo o cuidado ecológico e apropriação efetiva do espaço público, são desenhados botões recreativos com pontos de **lazer**.

**viário**

Como alternativa à avenida de fundo de vale, se aproveitam **vias existentes** compondo um binário a serem requalificadas com **novas pistas e pavimentação semi permeável**, o que possibilita a **conectividade urbana** do novo eixo. Sem o prejuízo ambiental da ocupação do loteague, é necessária a criação de um **trecho complementar** e um **retorno** ao centro da longa quadra, proposto como **via compartilhada**. Além disso, como para valorização de outros modais, são previstas faixas de **corrida, bicicleta e nova calçada** na orla do Parque.

**reparação**

Para reparação da violação étnocida e irresponsável dada na demolição da UIT, propõe-se o **Largo da Memória** como **marco territorial** em seu local original de ocupação. Complementando o memorial e dando protagonismo aos agentes culturais com **forte presença no território**, é proposto o **Centro de Referência dos Povos Tradicionais de Matriz Africana - CERPOTMA**. Ele atuará como **equipamento de borda guardião** da nova APP e como espaço de **salvaguarda e fomento à culturas tradicionais**, ressignificando a violência à memória e territorialidade do local.





digma de desenho urbano já ultrapassado e ambientalmente danoso, adotando a tipologia de avenida de fundo de vale, que corroborou no agravamento de enchentes à jusante da obra.

O projeto, enquanto resposta técnica e sensível a esse contexto, passou a subsidiar importantes ações de articulação política da Frente Ilê Odé – coletivo organizado em defesa do Ilê – junto a instâncias governamentais nas áreas da justiça, da cultura e do planejamento urbano, fortalecendo reivindicações da comunidade. A partir desses diálogos, contribuiu para a formulação de propostas de políticas públicas para Povos Tradicionais de Matriz Africana (POTMA)<sup>1</sup> e pela garantia de direitos nas tratativas de mitigação dos danos da demolição. Esses desdobramentos conferem ao trabalho uma função que foi além da dimensão estritamente acadêmica, servindo como instrumento concreto para o ativismo em defesa de territórios tradicionais.<sup>2</sup>

O viés metodológico é centrado em duas referências: 1) um olhar para a cidade a partir da periferia enquanto locus crítico e político, que produz e enuncia outras epistemologias – perspectiva discutida por D'Andrea (2022), ao analisar a potência cultural e política dos sujeitos periféricos na metrópole paulistana –; e 2) a integração da cosmopercepção ancestral dos POTMA na interpretação e produção do espaço urbano, entendendo seus valores civilizatórios como contribuições para novos modelos de cidade. A prática da pesquisa se ancorou na vivência territorial e na pesquisa-ação construída na Frente Ilê Odé, junto à comunidade e à sua líder, a Iyalorixá Odecidarewa Zana de Odé, valorizando o saber enraizado no território e a utilidade para os objetivos do coletivo.

Corpo, memória e território: o viés e a potência ancestral

A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de

origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (Krenak, 2019)

O ponto de partida deste percurso projetual é a compreensão dos processos históricos que tem reminiscências nas periferias urbanas, considerando dois importantes elementos: o tráfico transatlântico de povos africanos durante o período colonial e o êxodo rural do século XX. A violência colonial dada no primeiro elemento provocou dinâmicas de resistência, reinvenção e transmissão de saberes ancestrais africanos, processo que marca a formação social e cultural brasileira. Já o êxodo rural, intensificado pela industrialização tardia e pelas desigualdades estruturais no campo, deslocou milhões de pessoas de regiões interioranas, os sertões, sobretudo do Norte e Nordeste, para as franjas da metrópole paulistana. A soma dessas duas forças históricas define a presença das culturas de matriz afro-indígena na periferia metropolitana, cujas expressões se mantêm vivas em tendas, terreiros, *ilês* e *nzos*,<sup>3</sup> os territórios tradicionais, aqui referidos como Unidades Territoriais Tradicionais (UTT).

A ancestralidade do Ilê Asé Odé Ibulamo remonta a três matrizes africanas (bantu, jeje e iorubá), cuja memória seguiu viva em comunidades rurais do sul da Bahia, e na família de Zana, que migra em direção à metrópole paulistana nos anos 1970. O Ilê representa uma continuidade das redes ancestrais, e a história de sua violação não é isolada: ecoa os processos mais amplos de formação das periferias, marcados por deslocamentos forçados, construção de pertencimento e resgate de identidades e culturas constantemente ameaçadas.

Esses processos históricos têm como principal motor as políticas estatais que guiaram o desenvolvimento da metrópole. Como aponta Berth (2023), as políticas urbanas do século XX foram estruturadas sob uma lógica racionalizada, marcada por um projeto de embranquecimento e modernização de referência europeia, que excluiu

corpos negros e práticas culturais afro-brasileiras do ideal de cidade. Barone (2022) complementa esse entendimento ao mostrar como o modelo rodoviário, que ditou o espraio metropolitano através da expansão da malha viária, promoveu a destruição de cortiços e favelas historicamente ocupados por populações negras e o consequente apagamento de suas memórias territoriais, sobretudo nas margens dos rios, transformadas em avenidas.

Toda essa devastação não apenas destruiu as moradias negras em cortiços e favelas, mas também apagava suas práticas culturais e memórias presentes nos arredores dos rios [...] que agora jazem sob as avenidas. A implantação sucessiva de melhorias no sistema viário [...] reforçou e consolidou a lógica da cidade tentacular, provendo lugares para reassentamento dessas populações nas zonas periféricas. (Barone, 2022, p.13)

Em Carapicuíba, esse processo tem clara continuidade: a canalização do Córrego do Cadaval e a construção da Avenida Marginal não apenas removeram habitações, mas demoliram um território tradicional consolidado – o Ilê Asé Odé Ibulamo – operando uma despossessão racial, conforme conceitua Neres (2023), que repete e atualiza lógicas coloniais no tecido urbano contemporâneo.

A salvaguarda dos Povos Tradicionais de Matriz Africana (POTMA) e de todas as expressões culturais afro-diaspóricas é um dos objetivos que motiva o projeto, indo na contramão da obra em curso no território. Em primeiro lugar, isso significa o cumprimento da tarefa histórica de compromisso com a memória e a verdade sobre a escravidão e o tráfico transatlântico (conforme a Conferência de Durban, de 2001, da qual o Brasil é signatário). Em segundo lugar, vem à tona a missão específica à prática do urbanista, de reconhecer nas organizações coletivas, culturais e saberes dos territórios periféricos, sementes de cidades mais justas socialmente e ambientalmente.

As comunidades tradicionais de matriz africana, entendidas como expressões contemporâneas de quilombos urbanos, exercem papel político e social fundamental nos territórios em que se instalam, especialmente em contextos vulnerabilizados. Em Carapicuíba, os POTMA protagonizam iniciativas voltadas à segurança alimentar, à justiça racial e à defesa socioambiental. Suas práticas sagradas e culturais expressam uma perspectiva ecológica própria, centrada no cuidado com a vida e com a Terra, que se estende também à comunidade do entorno.

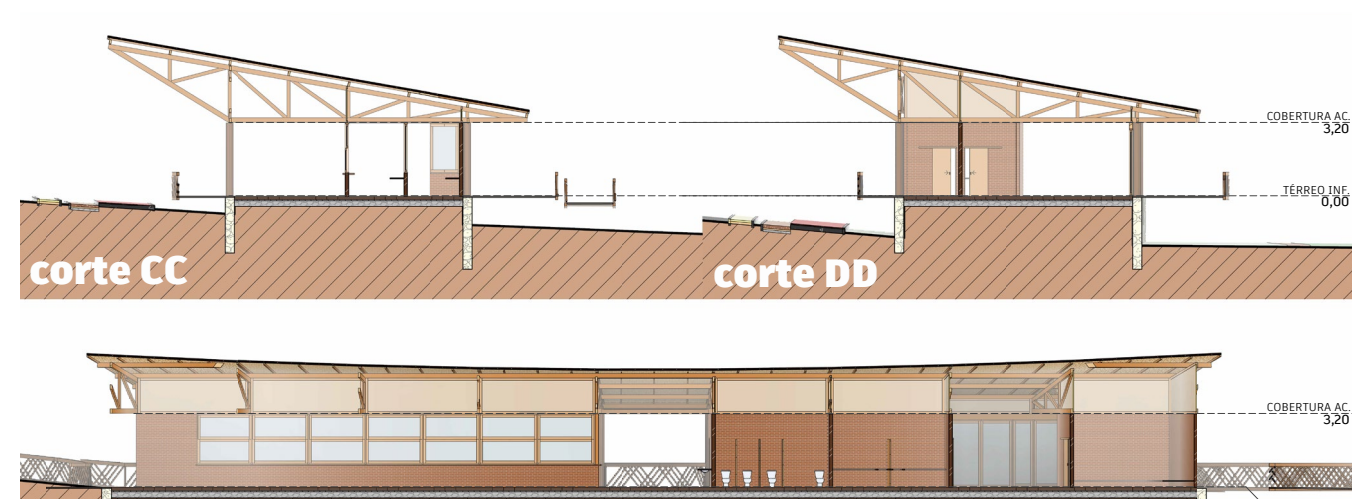
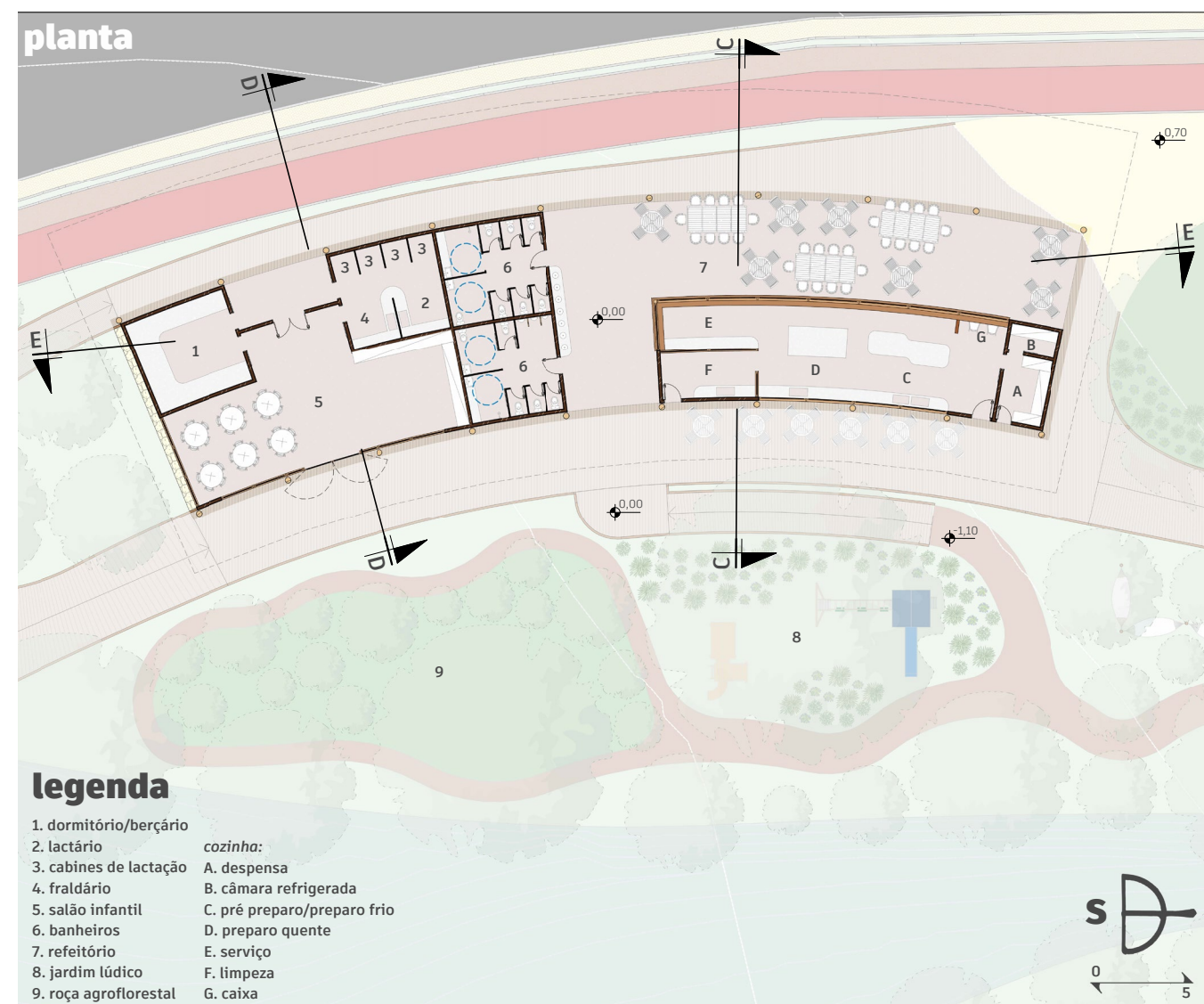
Tempos atrás, vivi no terreiro baiano do Axé Opô Afonjá um instante radicalmente ecológico. Era uma tarde de meio de semana e eu levava a visitar o espaço da comunidade-terreiro alguns amigos meus. Depois da visita às casas, um ogã [...] conduziu-nos até o mato: queria presentear um dos visitantes com uma muda de planta. Ali, cercados de vegetação, todos viram-no abraçar um tronco – o velho Apaoká –, murmurar algumas palavras e pedir licença à árvore para arrancar-lhe um broto. A cena ainda me é intensa na memória, talvez porque em sua simplicidade contraste a fundo com um discurso que vem ganhando foros na Urbs contemporânea [...] – o da ecologia. Não se tratava ali de falar sobre a relação que o indivíduo deve ter com o meio ambiente, não se tratava do discurso liberal do preservacionismo, mas de agir de tal maneira que o elemento natural, a árvore, se tornasse parceira do homem num jogo em que cosmos e mundo se encontram. (Sodré, 1988, p.151)

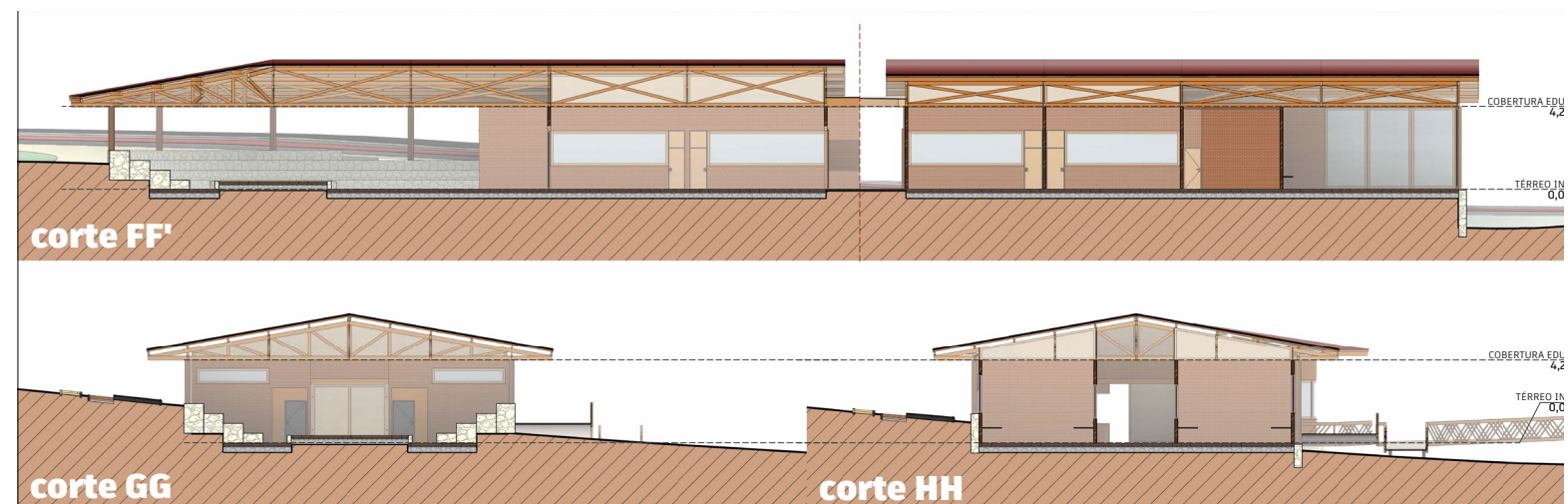
Diante da racionalidade técnica e política que rege a produção da cidade – muitas vezes geradora de fragmentações e prejuízo ambiental – essas comunidades sustentam formas de existência e organização baseadas em outros princípios. Conforme aponta Milton Santos (2006), trata-se de uma racionalidade distinta, que, por ter referência própria e estar às margens, escapa à lógica instrumental do Estado e do mercado e permite a emergência de novas leituras e usos do espaço, chamadas de contrarracionalidades.

Não fizemos os quilombos sozinhos. Para que fizéssemos os quilombos, foi preciso trazer os nossos saberes de África, mas os povos indígenas daqui nos disseram que o que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro. Nessa confluência de saberes, formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos indígenas. No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter! (Bispo, 2023, p.27)

Terreirizar a cidade: memorial de projeto

Eu não encaro terreiro como espaço fixo de rito religioso. Ele pode até ser isso, mas vai além, é um espaço praticado na dimensão do encantamento do mundo. A Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, é uma avenida inóspita, feia, não tem árvores, é um espaço urbano desencantado, um território funcional. Mas quando uma escola de samba se prepara para entrar na avenida, o cavaco dá um acorde, o repique chama a bate-





ria e o desfile começa, você terreirizou aquele espaço, ele foi praticado numa dimensão de encantamento do mundo. O primeiro terreiro é o corpo, encantar a vida começa fundamentalmente pelo encantamento do corpo. Quando começa uma roda de samba numa esquina, quando alguém cospe uma cachaça pro santo, quando um corpo dança soberanamente, você tá terreirizando um espaço e o seu próprio corpo. E a gente terreiriza a cidade. (Simas, 2020)

Partindo das reflexões apresentadas, o projeto se inspira num paradigma urbano terreirizado e encantado. O primeiro gesto foi encontrar a viabilidade para um grande parque linear, proposta-resposta à obra em curso no território, que planeja uma avenida sobre o córrego. No ponto exato onde existiu o Ilê, evocando o sagrado e garantindo o direito à memória viva, se propõe um largo como um memorial aberto. O elemento central do projeto é um equipamento público inserido no parque: o Centro de Referência dos Povos Tradicionais de Matriz Africana (CERPOTMA), formado por três edifícios-pavilhão. Como percurso integrador entre o memorial e os pavilhões, se cria uma passarela que serpenteia junto ao rio, evocando o simbólico de Oxumarê, divindade ligada à transformação e aos ciclos.

A arquitetura celebra os POTMA enquanto guardiões da paisagem natural: da memória do rio, da mata, de algo que já foi outra coisa antes de ser cidade. As propostas buscaram referências formais, simbólicas e de materialidade inspiradas nas matrizes africanas. Terra, pedra e madeira são protagonistas nos sistemas construtivos, com inspiração no vernáculo comum em UTT de zonas rurais. As soluções de baixo impacto ambiental e execução simples possibilitam mão de obra em mutirão, considerando a coletividade como pilar das práticas tradicionais.

O projeto do CERPOTMA se organiza em torno de três eixos programáticos, definidos com inspiração nas práticas tradicionais: o cuidado, o sagrado e o saber-fazer, cada um abrigado em um pavilhão. O eixo do cuidado se materializa no centro de acolhimento, um espaço para

assistência social inspirado nas perspectivas de soberania alimentar, pedagogia e infâncias dos terreiros, com um restaurante popular e uma creche. O eixo do sagrado é materializado no barracão, espaço que abrigará práticas culturais, sagradas, de cura, e grandes encontros para festividades e rituais, rodeado e protegido por jardins sagrados com ervas medicinais da tradição. O eixo do saber-fazer se dá no centro de educação, uma grande escola-oficina, que poderá acolher dinâmicas de trabalho e cultura já existentes, mas também fomentar novidades, estruturando a produção e o intercâmbio de saberes e incentivando a geração de renda. O paisagismo evoca saberes ancestrais da terra, da alimentação e da cura: complementando os jardins sagrados, agroflorestas repousam às margens do córrego, junto a jardins lúdicos que aproximam as infâncias do ambiente natural e aberto.

#### Conclusão

O conjunto de projeto e pesquisa busca perspectivas e ferramentas contra-hegemônicas para enfrentar os desafios urbanos contemporâneos. Apresentamos aqui uma visão possível para o território do Cadaval, abrindo o campo para a continuidade das investigações e desenvolvimento de mais propostas e projetos, num horizonte de regeneração da bacia do Cadaval e garantia de direitos para os POTMA e a população periférica de Carapicuíba. Uma vez apropriado pelo coletivo, o desenho continua sendo aprimorado e apresentado em debates, publicações e exposições. A intenção é de que teorias e práticas da Arquitetura e Urbanismo, atuantes na estrutura do Estado e em suas políticas territoriais, sejam cada vez mais atravessadas e enriquecidas pela realidade concreta do povo brasileiro. Um povo que tem história, cor, gênero e territorialidade, que habita às margens, mas que transita pelo todo, tecendo redes, criando potências e reinventando a vida coletiva a partir das culturas de borda, de fresta e de festa, e de suas ancestralidades e memórias.

#### Autor

João Pedro é Técnico em Edificações formado pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (LAOSP), Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-UPM) e especializando no curso de pós-graduação lato sensu Habitação e Cidade, na Escola da Cidade - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Sua prática profissional tem enfoque socioambiental, com atuação em projetos arquitetônicos e urbanísticos para diversas escalas e usos: do desenho urbano a projetos arquitetônicos para edifícios de uso cultural, comercial e residencial. É assessor técnico e articulador da Frente Ilê Odé Ibulalomo para assuntos de arquitetura e planejamento urbano, além de pesquisador na Escola da Cidade, com ênfase nos temas Periferia e Povos Tradicionais de Matriz Africana.

Trabalho Final de Graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, orientado pelo Professor Dr. Celso Aparecido Sampaio, que recebeu o prêmio "Projetando o Futuro" em 2024, do CAU/SP. O projeto também gerou o Plano para a Bacia do Córrego do Cadaval, pelo curso de pós graduação Habitação e Cidade (2024/2), e o website da Frente Ilê Odé, pela Plataforma de pesquisa Nas Ruas, no âmbito do projeto "A destruição do terreiro Ilê Asé Odé Ibulalomo: patrimônios e caminhos de reparação" em parceria CAU/SP, Edital de Chamamento n. 005/2023, Termo de Fomento n. 020/2023. São Paulo, Brasil, 2024.

#### NOTAS

1. Aqui direcionamos uma compreensão das comunidades e territórios de matriz africana – popularmente conhecidas como terreiros – enquanto POTMA: povos com culturas, origens, valores e projetos civilizatórios próprios, em oposição à compreensão estritamente religiosa, que não dá conta da prática concreta e autodeterminada desses grupos. Para tanto, nos embasamos no acúmulo teórico e na prática política dos POTMA, reunidas e apresentadas por Silva Neto (2019), que se desdobram em implicações legais e nas políticas públicas nacionais desde a década de 2000.
2. A pesquisa e projeto aqui expostos tomaram corpo enquanto Trabalho Final de Graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, orientado pelo Prof. Dr. Celso Aparecido Sampaio, que recebeu o prêmio *Projetando o Futuro* em 2024, do CAU/SP. O projeto se configurou como produto de assessoria técnica, se somando as já construídas pontes entre a Escola da Cidade e a mobilização da Frente Ilê Odé.
3. Os termos *ilê*, da língua yorúba, e *nzo*, da língua kimbundo, podem ser traduzidos como casa. Dentre outros nomes, são utilizados pelas comunidades para se referir às UTTs.

#### REFERÊNCIAS

- BARONE, Ana. *Through the bridges: the Black Cultural Association in São Paulo, urban planning and the contours of the white city*. Planning Perspectives, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02665433.2022.2152080>. Acesso em 18 jun. 2023.
- BERTH, Joice. *Se a cidade fosse nossa*. São Paulo: Paz e Terra, 2023. Livro digital (Ebook), paginação irregular.
- BISPO, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. Livro digital (PDF).
- D'ANDREA, Tiarraju Pablo. *A Formação das Sujeitas e dos Sujeitos Periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. 1. ed. São Paulo: Dandara, 2022.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Livro digital (Ebook), paginação irregular.
- NERES, Felipe dos Santos. *Processos de despossessão no território negro do samba: O Vai-Vai do Bixiga*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO REGIONAL, 20., 2023, Belém. Disponível em: <<http://anpur.org.br/wpcontent/uploads/2023/05/st12-20.pdf>>. Acesso em 22 nov. 2023.
- SANTOS, Milton. Capítulo 13. Os Espaços da Racionalidade. In: \_\_\_\_\_. *A Natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.
- SILVA NETO, José Pedro da. *Povos e Comunidades Tradicionais De Matriz Africana: visgo para combater o racismo*. Perseu: história, memória e política, São Paulo, n. 17, p. 91-120, 2019.
- SIMAS, Luiz Antonio. *Luiz Antônio Simas: Bato tambor, logo existo*. [Entrevista concedida a] Nathalia Zaccaro e David Carneiro. Revista trip, uol, dez. 2020. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/luiz-antonio-simas-bato-tambor-logo-existo>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira*. 1 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.